Temas em Saúde

Artigo Original
ISSN: 2447-2131

ÁLCOOL E FECUNDIDADE: INGESTÃO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE MULHERES DE IDADE FÉRTIL

ALCOHOL AND FERTILITY: ALCOHOLIC BEVERAGE CONSUMPTION AMONG WOMEN OF REPRODUCTIVE AGE

https://doi.org/10.64671/ts.v26i1.926

Filipe Augusto Alves Marques[1]

1. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

Recebido: julho 14, 2026 | **Aceite:** agosto 15, 2026 | **Publicação**: agosto 23,2026

RESUMO

O consumo de bebidas alcoólicas representa um importante problema de saúde pública devido aos seus impactos biopsicossociais. Entre mulheres em idade fértil, o aumento da ingestão de álcool é preocupante em razão da maior vulnerabilidade fisiológica aos seus efeitos e dos riscos à saúde reprodutiva. Este estudo objetivou avaliar a ingestão de bebidas alcoólicas entre mulheres em idade fértil. Trata-se de estudo descritivo, quantitativo, realizado com mulheres de 18 a 49 anos em Porto Velho/RO, por meio de instrumento adaptado contendo questões sociodemográficas e sobre consumo alcoólico. Quanto aos resultados, das 309 mulheres entrevistadas, 137 declararam prática etílica (44.3%). A proporção de consumo alcoólico foi maior entre as mulheres mais jovens (18 e 19 anos, 55.6% declaram ingesta alcoólica; 20 a 34 anos, 51.1%; 35 a 49 anos, 30.8% [$p < 0.05$]), que não compartilham casa com algum companheiro (54.5% [$p < 0.05$]), com renda maior ou igual a 3 salários-mínimos (53.8% [$p < 0.05$]), e com maior grau de instrução (nível superior, 51.9%; nível médio, 34.6%; e fundamental, 20% [$p < 0.05$]). Conclui-se que o consumo alcoólico foi mais frequente entre mulheres jovens, com maior escolaridade, maior renda e sem companheiro. Os achados reforçam a necessidade de estudos mais abrangentes para compreender os fatores associados ao consumo e subsidiar políticas públicas voltadas à prevenção e ao controle do uso de álcool nessa população.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Substâncias Psicoativas; Consumo de bebidas alcoólicas; Fertilidade

***Autor Correspondente:** lipealvesmarques1@gmail.com

ABSTRACT

Alcohol consumption represents a major public health concern due to its biopsychosocial impacts. Among women of reproductive age, the increasing prevalence of alcohol consumption is particularly concerning because of their greater physiological vulnerability to its effects and the associated risks to reproductive health. This study aimed to evaluate alcohol consumption among women of reproductive age. A descriptive, quantitative study was conducted with women aged 18 to 49 years in Porto Velho/RO using an adapted questionnaire containing sociodemographic and alcohol consumption-related questions. Of the 309 women interviewed, 137 reported alcohol consumption (44.3%). The prevalence of alcohol use was higher among younger women (55.6% among those aged 18–19 years, 51.1% among those aged 20–34 years, and 30.8% among those aged 35–49 years; $p < 0.05$), women not living with a partner (54.5%; $p < 0.05$), those with a monthly income of three or more minimum wages (53.8%; $p < 0.05$), and those with higher educational attainment (51.9% with higher education, 34.6% with secondary education, and 20.0% with primary education; $p < 0.05$). Alcohol consumption was more frequent among younger women, those with higher educational attainment, higher income, and those not living with a partner. These findings highlight the need for broader studies to better understand the factors associated with alcohol consumption and to support the development of public policies aimed at preventing and controlling alcohol use in this population.

Keywords: Women's Health; Psychotropic Drugs; Alcohol Drinking; Fertility

1 INTRODUÇÃO

Obtidas a partir da fermentação de alimentos que contém açúcar, como cana-de-açúcar, frutas e cereais, as bebidas alcoólicas têm sido amplamente utilizadas por diversos propósitos, dentre os quais é possível citar: satisfação pessoal, sociabilidade e/ou forma de lidar com situações estressoras. Em geral, possuem diferentes apresentações, valores monetários e transpassam barreiras regionais e étnicas, podendo ser responsáveis por impactos prejudiciais de caráter psicossocial, biológico e emocional, quando ingeridas de forma exacerbada (Zotesso, Paiva, Marques, 2018).

No ano de 2015, mais de 2.3 bilhões de pessoas consumiram algum tipo de bebida alcoólica, sendo que 5% destes bebedores evoluíram para óbito por complicações decorrentes da substância (WHO, 2018). O álcool tem seu principal mecanismo de ação no Sistema Nervoso Central (SNC), atuando como um depressor psicotrópico e agindo diretamente no sistema límbico, responsável pelas respostas emocionais (Egervari et al., 2021). Considerando o aspecto de tais efeitos e as repercussões agravantes evidenciadas no organismo humano, este uso começou a ser pautado em políticas de saúde pública (Egervari et al., 2021).

Com o entendimento deste cenário epidemiológico, a resolução World Health Assembly WHA63.13, aprovada na 63ª sessão da Assembleia Mundial de Saúde em 2010, apresentou uma estratégia global com intuito de reduzir o uso etílico nocivo, de modo que apoiasse ações regionais em cada país. Nesse documento, foram apontados grupos populacionais que necessitavam de um olhar

CC BY

mais acentuado em relação à ingesta de álcool, por manifestarem maiores riscos de dependência e/ou prejuízos psicobiológicos, tendo como ênfase as mulheres em idade fértil (WHO, 2010).

Na contemporaneidade, a utilização de álcool entre mulheres está aumentando em um ritmo alarmante em todo o mundo, enfatizando as que se encontram em idade fértil, englobando o intervalo etário dos 10 aos 49 anos de acordo com valores difundidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo que, em algumas populações, a ingesta pode ser vista como equivalente à praticada pelos homens (Denny et al., 2020; Slade et al., 2016). Com base nos dados do Sistema Global de Informações sobre Álcool e Saúde de 2018 da OMS, o consumo global *per capita* de álcool entre mulheres nessa faixa de idade foi estimado em 2.3 L, no ano de 2016 (WHO, 2018).

A invisibilização do consumo etílico feminino exprime um caráter estritamente histórico, o qual reflete desfavoravelmente no campo científico nos dias atuais (Schamp et al., 2021). Apesar da participação mais acentuada das mulheres nas políticas públicas e sociais na contemporaneidade, a estigmatização e discriminação social diante de um padrão de ingesta alcoólico ainda apresenta impacto negativo, significativo, levando a subdiagnósticos de dependência por álcool – definido como alcoolismo – e Problemas Relacionados ao uso de Álcool (PRAs) (Schamp et al., 2021).

É importante destacar que os malefícios incitados pelos PRAs não são inerentes apenas ao âmbito político e social, visto que o consumo de álcool por mulheres, devido ao seu metabolismo menos tolerante, apresenta maiores complicações quando comparada aos homens com padrão de consumo semelhante (PAHO, 2020). O corpo biológico feminino, fisiologicamente, é composto por menos quantidade de água, fazendo com que as concentrações ingeridas estejam elevadas na corrente sanguínea; ademais, o fígado produz menos álcool desidrogenase (ADH), enzimas responsáveis pela quebra das moléculas de etanol; e soma-se a isso a quantidade superior de gordura corpórea, que aumenta a biodisponibilidade da substância no organismo, ocasionando em maiores taxas metabolizadas (PAHO, 2020). Logo, o uso exacerbado de álcool em mulheres pode contribuir para o agravamento de complicações clínicas como doenças cardíacas, hepáticas e câncer de mama (Zotesso, Paiva, Marques, 2018).

Dados do Panorama sobre Álcool e a Saúde dos Brasileiros, publicado em 2021 pelo Centro de Informações sobre Saúde e Álcool, revelaram um padrão de consumo de 19,4% (20.665.603) dentre a população feminina residente no território brasileiro (106.523.727 em 2018), adequados a padrões de ingestão não-abusiva - um aumento de 2.9% em relação aos dados coletados em 2010. De modo semelhante, o crescimento dos casos de consumo abusivo sofreu acréscimo de 2.8% entre os anos de 2010 (10.5%) a 2019 (13.3%), assim como as taxas de internação atribuídas ao álcool, que tendem a aumentar em uma variação média anual de até 1.90% (CISA, 2019), sinalizando que não somente a

CC BY

prática etílica em mulheres denota uma natureza mais prevalente, como também os danos físicos e metabólicos se mostram mais presentes, conforme divulgado pelo Relatório dos Status Regionais sobre Álcool e Saúde nas Américas, publicado pela Organização Panamericana de Saúde em 2020 (PAHO, 2020).

A abordagem desta temática é visualizada em planos nacionais de intervenção, ressaltando o Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Brasil, o qual introduz o consumo abusivo de álcool como um fator de risco modificável para quadros de doenças cardiovasculares, respiratórias crônicas, diabetes e cânceres (Brasil, 2021).

Compreendendo o consumo alcoólico como uma atividade corriqueira e habitual nos dias atuais, entender o padrão de consumo, quantidade e características é um importante critério a ser traçado para interpretar o comportamento dos habitantes de um território perante utilização de substâncias psicoativas, e consequentemente poderá contribuir com subsídios que auxiliem a criação e/ou atualização de políticas públicas para manutenção e bem-estar da população. Nessa perspectiva, este estudo se justifica com o objetivo de avaliar a ingestão de bebidas alcoólicas entre mulheres em idade fértil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional descritivo, transversal e de abordagem quantitativa, tendo a finalidade de identificar o padrão de consumo de bebidas com teor alcoólico entre mulheres em idade fértil no município de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, na região Norte brasileira, entre os meses de setembro de 2019 a março de 2020.

A amostra deste estudo advém de um estrato específico recortado de um projeto de pesquisa intitulado “Multiabordagem do Uso e Abuso de Álcool, Drogas Lícitas, Ilícitas e Afins – Abuso de consumo de álcool em Porto Velho – RO”, o qual foi submetido previamente ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e aprovado sob parecer nº 3.556.646.

A priori, a amostra necessária fora calculada por técnica de amostragem probabilística, de modo que o número de indivíduos entrevistados fosse representativo das faixas etárias da população do estudo. Não obstante, a amostra obtida ao final das entrevistas foi composta por 373 indivíduos do sexo feminino, com 18 anos ou mais, residentes da cidade de Porto Velho, RO. Neste estudo, iremos

CC BY

considerar somente as mulheres com menos de 50 anos – mulheres em idade fértil – que representam um total de 309 indivíduos da amostra original.

Quanto às variáveis, a idade é uma do tipo contínua, representada em números inteiros e apresentada neste estudo de forma categorizada, multinomial/ordinal e em três grupos – 18 ⊢ 20; 20 ⊢ 35; 35 ⊢ 50. O estado civil é uma variável multinomial/ordinal com cinco grupos: casado(o); união estável; solteiro(a); viúvo(a); e outros), mas neste estudo foi categorizada de forma binomial em dois grupos, de acordo com o status do relacionamento: não mora junto, compondo o grupo de mulheres que se declararam solteiras, viúvas e outros; mora junto, grupo de mulheres que se declararam casadas ou em união estável. A escolaridade é uma variável multinomial/ordinal com três grupos, do menor nível de escolaridade para o maior nível: até fundamental; Ensino médio (completo e/ou incompleto); Superior (completo e/ou incompleto). A renda é uma variável multinomial/ordinal, originalmente categorizada em 7 grupos, da menor percepção de renda para a maior. Neste estudo a renda foi dicotomizada para representar dois grupos: mulheres com renda menor que 3 salários-mínimos; e mulheres com renda maior ou igual a 3 salários-mínimos – atribuiu-se como um salário-mínimo, no ano da coleta desta pesquisa, o valor de R$998,00. Consumo de bebidas alcoólicas é uma variável binomial/dicotômica cujos resultados são "sim" e "não", sendo a variável dependente para estimativa de prevalência do consumo de bebidas alcoólicas, análise não contemplada neste artigo.

Para a avaliação dos problemas relacionados ao álcool, foi empregado como instrumento um questionário composto por 4 (quatro) perguntas, conhecido como Questionário CAGE (*Cut Down, Annoyed, Guilty, Eye-Opener*), sendo este um método de rastreamento, avaliação de PRAs e dependência alcoólica. As perguntas que faziam parte da sua composição eram: "I. Alguma vez você sentiu que deveria parar de beber?"; "II. As pessoas te aborrecem/irritam por criticarem a forma como você bebe?"; "III. Você se sente culpada pela forma como bebe?"; "IV. Costuma beber pela manhã para diminuir o nervosismo ou a ressaca?". Ao final, foram classificados como CAGE positivo todos os indivíduos que referiram resposta afirmativa para pelo menos 1 (uma) das perguntas citadas e, portanto, apresentaram um consumo alcoólico de risco. Juntamente a ele, utilizou-se um formulário para assinalar o tipo de bebida alcoólica consumida, sendo as opções descritas: cerveja; vinho; e bebidas destiladas.

A coleta de dados se deu com base em entrevistas, feitas tanto em modo presencial quanto online via formulário digital. Todas as participantes foram localizadas e entrevistadas, respeitando a amostra calculada para cada faixa etária, sendo elucidado pelos entrevistadores a importância do levantamento e os benefícios que os resultados poderiam contribuir para a saúde pública da cidade, e que a confidencialidade da identidade seria preservada após responderem o questionário.

CC BY

As informações colhidas foram cadastradas e salvas em um banco de dados no sistema Microsoft Excel, para avaliação e correlação subsequente dos dados evidenciados na pesquisa populacional. Para análise dos mesmos, foram utilizados os softwares R, versão 4.1.0.

Primeiramente foi avaliado a prevalência do consumo de bebidas alcoólicas entre os entrevistados a partir da variável comportamental/dicotômica do consumo de bebidas alcoólicas. Verificou-se a heterogeneidade (comparação de proporções) das variáveis em relação ao consumo de bebidas alcóolicas. Aplicou-se o teste de qui-quadrado de Pearson ($\chi 2$). As hipóteses testadas foram as seguintes: i. Hipótese nula (H0): Os grupos não diferem em relação ao consumo de bebidas alcóolicas; ii. Hipótese alternativa (HA): Os grupos diferem em relação ao consumo de bebidas alcóolicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 309 pessoas do sexo feminino entrevistadas, componentes da amostra total do estudo e que pertenciam ao intervalo etário estipulado nos critérios de inclusão, 137 relataram consumir algum tipo de bebida alcoólica, representando 44,3% dessa amostra. Considerando o quantitativo de bebedoras, identificou-se predomínio de consumo entre mulheres entre com menos de 35 anos ($p < 0.05$). Dentre as mulheres com 18 e 19 anos a proporção de consumo de bebidas alcoólicas foi de 55.6%, seguidas por aquelas com 20 a 34 anos, das quais 51.1% declaram consumo de álcool (Tabela 1). Para as mulheres com idade entre 35 e 49 anos a proporção de consumo alcoólico foi de 30.8% (Tabela 1).

As mulheres que declararam estar em algum relacionamento no qual não moravam junto com seus companheiros apresentaram maior proporção de ingesta alcoólica ($p < 0.05$), com 54.5% declarando consumo de alguma bebida (Tabela 1). A proporção de consumo de bebidas alcoólicas também foi maior dentre as mulheres cuja renda familiar foi igual ou maior a 3 salários-mínimos ($p < 0.05$), das quais 53.8% declararam consumo de alguma bebida, ao passo que aquelas com renda menor que 3 salários-mínimos a proporção de consumo foi de 41.1% (Tabela 1). Quanto ao grau de ensino, as mulheres que declararam maior grau de escolaridade apresentaram maiores proporções de consumo alcóolico ($p < 0.05$). 51.9% das mulheres que estão cursando ou já cursaram o nível superior declaram consumir algum tipo de bebida alcóolica, das que estão no nível médio ou já concluíram esse grau, a proporção de consumo foi de 34.6% e para aquelas que cursaram ou estão cursando o nível fundamental a proporção de consumo observada foi de 20% (Tabela 1).

CC BY

Tabela 1 – Distribuição do perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas entre 18 e 49 anos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas. Porto Velho, Rondônia, Brasil. 2020 (N = 309)

Variáveis	N	Consumo de álcool (%)	Valor *P*
Idade			< 0.001
Até 19 anos	27	15 (55.6%)	
20 a 34 anos	165	86 (51.1%)	
35 a 49 anos	117	36 (30.8%)	
Relacionamento			< 0.001
Mora junto (companheiro)	109	28 (25.7%)	
Não mora junto (companheiro)	200	109 (54.5%)	
Renda			> 0.05
< 3 salários-mínimos	231	95 (41.1%)	
>= 3 salários-mínimos	78	42 (53.8%)	
Escolaridade			< 0.01
Fundamental	15	3 (20.0%)	
Médio	107	37 (34.6%)	
Superior	187	97 (51.9%)	

Elaborada pelo autor

Em referência ao total de mulheres consumidoras, 99 se classificaram como CAGE positivo, representando 72,3% das mulheres que declararam consumo de algum tipo de bebida alcoólica. Dentre as pontuações obtidas ao final do questionário, a amostra se mostrou homogênea, não apresentando diferenças estatisticamente significativas na distribuição da pontuação entre os diferentes subgrupos ($p > 0.05$: Tabela 2).

CC BY

Tabela 2 – Distribuição do perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas entre 18 e 49 anos quanto à pontuação do CAGE. Porto Velho, Rondônia, Brasil. 2020 (n = 137)

			CAGE POSITIVO								Valor *P*
Variáveis	**N**	**n* (%)**	**1 ponto**		**2 pontos**		**3 pontos**		**4 pontos**		
Idade			**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	> 0.05
Até 19 anos	15	9 (60.0%)	6	40.0	1	6.7	2	13.3	0	-	
20 a 34 anos	86	64 (74.4%)	28	32.6	27	31.4	5	5.8	4	4.7	
35 a 49 anos	36	26 (72.2%)	7	19.4	10	27.8	6	16.7	3	8.3	
Relacionamento											> 0.05
Mora junto (companheiro)	28	18 (64.3%)	9	32.1	5	17.9	2	7.1	2	7.1	
Não mora junto (companheiro)	109	81 (74.3%)	32	29.4	33	30.3	11	10.1	5	4.6	
Renda											> 0.05
< 3 salários-mínimos	95	74 (77.9%)	28	29.5	30	31.6	11	11.6	5	5.3	
>= 3 salários-mínimos	42	25 (59.5%)	13	31.0	8	19.0	2	4.8	2	4.8	
Escolaridade											> 0.05
Fundamental	3	2 (66.7%)	1	33.3	1	33.3	0	-	0	-	
Médio	37	30 (81.1%)	13	35.1	10	27.0	5	13.5	2	5.4	
Superior	97	67 (69.1%)	27	27.8	27	27.8	8	8.2	5	5.2	

Elaborada pelo autor

* Entrevistadas com CAGE positivo – pontuação maior ou igual a 1.

Em relação ao tipo de bebida mais consumida, a cerveja se destacou como a mais prevalente, sendo declarado o consumo por 79.6% das entrevistadas (Tabela 3). 33.6% daquelas que declararam consumir algum tipo de bebida alcoólica consomem destilados e 27.7% declaram consumo de vinho.

CC BY

Tabela 3 – Tipos de bebidas alcoólicas ingeridas por mulheres bebedoras entre 18 e 49 anos. Porto Velho, Rondônia, Brasil, 2020 (n = 137)

Tipo de bebida alcoólica	Quantitativo*	%
Cerveja	109	79.6%
Destiladas	46	33.6%
Vinho	38	27.7%

Elaborada pelo autor

O cerne principal deste trabalho pauta-se na descrição dos principais fatores sociodemográficos de mulheres bebedoras em idade fértil (18 a 49 anos), bem como características relacionadas à bebida entre as habitantes de Porto Velho. Este estudo demonstrou que 44.3% das entrevistadas declararam uso de alguma bebida alcoólica, sendo um quantitativo inferior aos resultados encontrados em Vilhena, de 78.1% de consumo (Costa, Calheiros, Farias, 2022). Entretanto, a porcentagem determinada foi superior à pesquisa feita em uma cidade de Pernambuco (Silva, Lyra, Diniz, 2019), com 42%, bem como a média nacional de consumo alcóolico feminino, de 27.3% no ano de 2018 (CISA, 2019).

Os achados neste trabalho confirmaram que o uso de álcool esteve presente em todos os intervalos de idade, em especial entre mulheres jovens. Observou-se que a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas é de 55.6% em mulheres com 18 e 19 anos, 51.1% naquelas com 20 a 34 anos e 30.8% na faixa etária de 35 a 49 anos, proporções menores que as de um município no interior de Rondônia (70,1%) (Costa, Calheiros, Farias, 2022), sendo que destas, 72.3% (n = 99) se classificaram como CAGE positivo, demonstrando uma possível ingestão abusiva. Ademais, a mediana de idade de consumo (30 anos [IC 95%: 24-40]) foi inferior quando comparada a Pernambuco (39 anos) (Silva, Lyra, Diniz, 2019) e São Paulo (38 anos) (Leão et al., 2020), reafirmando que a ingestão etílica vem ocorrendo nos estratos mais jovens da sociedade. Tal fato é ainda mais perceptível em países desenvolvidos como Escócia, Inglaterra, Nova Zelândia e Austrália, onde a frequência do consumo advém grandemente de mulheres de 20 a 24 anos (Chaiyasong et al., 2018).

Em referência ao estado civil, 74.3% das mulheres que não se encontravam morando junto com seus parceiros(as) declaram consumo de algum tipo de bebida alcóolica, percentual superior à realidade encontrada entre mulheres solteiras em um município de São Paulo (43,9%) (Ponce, Picciano, Vargas, 2021). Frequentemente, o estado civil se associa ao consumo alcoólico, entretanto é possível visualizar na literatura divergências de autores quanto a fatores que corroboram esta relação

CC BY

(Kendler et al., 2016; Thapa et al., 2016). Há motivos intrínsecos ao casamento que podem desencadear o hábito de ingestão, como obrigações sociais e psicológicas atrelados ao matrimônio (Kendler et al., 2016), assim também como existem razões ligadas a estar solteira que desencadeiam o ato de beber em maiores quantidades, como atividades relacionadas ao lazer em contextos que propiciam o uso da substância (Ponce, Picciano, Vargas, 2021). Todavia, evidências como esta chamam a atenção para o fato de mulheres solteiras disporem de maiores chances de comportamentos de risco, como dispensamento do uso de preservativo e relações sexuais desprotegidas, podendo suceder em Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), possível esquecimento do contraceptivo oral e gestação não planejada (Kendler et al., 2016; Massaro et al., 2019). Neste estudo, dentre as mulheres que apresentaram prática etílica de risco, conforme resultado positivo ao questionário CAGE, 74.3% (n = 81) daquelas que se declararam solteiras ou viúvas e referiam consumo de algum tipo de bebida alcoólica tiveram resultado positivo no CAGE, ratificando tais preocupações quanto à saúde sexual e reprodutiva da população feminina (Massaro et al., 2019).

A questão da gravidez é um dos assuntos centrais que entornam o consumo alcoólico entre as mulheres. Vale ressaltar que a faixa etária com maior proporção de ingestão alcoólica se destaca como a que evidencia maiores índices de gestação no cotidiano brasileiro. Condições anatoneurológicas, citando como exemplo a Síndrome Alcoólica Fetal, assomam com dimensões alarmantes na atualidade, retratando desfechos negativos tanto para o feto quanto para a mulher envolvida (Popova et al., 2021).

Nesta amostra, 77.9% das mulheres com renda menor que 3 salários-mínimos obtiveram resultado CAGE positivo, demonstrando que o álcool dispõe de uma facilidade considerável de aquisição entre os habitantes, seja pela sua ampla distribuição na cidade ou pelo custo de aquisição diversificado condizente com diferentes níveis econômicos. Além disso, fora perceptível que, dentro da população estudada, o hábito de ingestão alcoólica se destacava como diretamente proporcional ao aumento da renda. Não obstante, os efeitos deletérios, embora sem significância estatística, se apresentaram mais prevalentes dentre as mulheres com menor renda; isso certamente se deve ao padrão de bebida consumida, sendo uma assimilação vista também em outras pesquisas (Silvia, Lyra, Diniz, 2019; Ebling et al., 2020; Cobb, Assari, 2019). Tal cenário pode sinalizar que a prática de beber vai se mostrando presente conforme a situação financeira se fragiliza, atrelando não somente a aspectos pecuniários, mas também a fatores psicossociais que são determinantes de forma indireta, como: baixas condições de vida, vulnerabilidade social e alta carga física e estressora (Draper et al., 2022), acarretando no uso etílico como forma de "automedicação" e alívio de tensão provenientes da

CC BY

ocupação (Cruz-Zuñiga et al., 2021), os quais afligem, a longo-prazo, seus meios pessoais, fisiológicos e hormonais.

Ao contrário da variável renda, onde foi constatada uma sensibilidade maior aos efeitos deletérios entre grupos vulneráveis, observou-se que o público feminino com maior escolaridade apresentou maior prevalência de ingesta alcoólica, corroborando com resultados nacionais e internacionais (Barros, Costa, 2019; Heradstveit et al., 2021; Herrero-Montes et al., 2022). As mulheres universitárias tiveram um destaque referente ao consumo, o que pode estar relacionado a elementos estressores encontrados dentro do ambiente acadêmico, fazendo com que o uso etílico atue como uma válvula de escape para enfrentar a pressão exercida pela rotina (Herrero-Montes et al., 2022). E mesmo com a facilidade de acesso a informações no que diz respeito aos malefícios das bebidas alcoólicas no organismo, as taxas de CAGE positivo apresentaram alta frequência entre mulheres com curso superior, completo ou incompleto, (69.1%), que declaram consumo de algum tipo de bebida alcóolica. Não é possível afirmar se as mulheres bebedoras participantes deste estudo iniciaram o consumo de ingestão alcoólica durante a graduação, mas é possível deduzir e comparar, com perspectivas de outras localidades, que esta prática pode ser intensificada pelos mesmos motivos desencadeantes.

Relativo ao tipo de bebida consumida, a cerveja e as destiladas, como cachaça e whisky, foram as preferidas, sendo o vinho em menor percentual. No contexto nacional, a cerveja apresenta um consumo per capita de 48L ao ano, um quantitativo superior a bebidas não-alcoólicas como o leite (11L ao ano). Sua propagação em veículos midiáticos, seu preço econômico e seu acesso facilitado nos comércios são alguns dos possíveis fatores que favorecem tal adesão. Tendo uma concentração média de 5% de etanol em sua composição, ela exibe um dos menores percentuais dentre as demais bebidas etílicas, sendo assim necessária ingestão de maiores quantidades de doses para alcançar os efeitos desejados do álcool, como euforia, relaxamento e aumento da autoconfiança (CISA, 2019). Por ter esta premência exorbitante de consumir cada vez mais, a cerveja é um dos principais facilitadores para o início da prática de *binge drinking* (Ponce, Picciano, Vargas, 2021).

Dentre os problemas orgânicos resultantes da prática acentuada, um dos principais visualizados é o declínio da fertilidade. Em uma pesquisa comparativa, identificou-se que mulheres que ingerem mais de 12,5g de etanol (ou pouco menos que 1 dose) por dia tendem a ter uma diminuição em 2% em questões de fecundabilidade. Isso ocorre devido a modificações biológicas como aumento das concentrações de estrogênio total e, consequentemente, diminuição da secreção de hormônio folículo estimulante (FSH) (Fan et al., 2017). Sendo o primeiro o principal hormônio sexual feminino e o

CC BY

segundo atuando na maturação dos óvulos, os danos fisiológicos afetam diretamente na foliculogênese, importante processo no início da formação embrionária (Fan et al., 2017).

As correlações entre bebidas alcoólicas e menopausa ainda são escassas. Sabe-se que a menopausa marca o fim do período natural da fecundidade, e seu início antecipado pode ocasionar em maiores danos à saúde feminina (Freeman et al., 2021). Percebe-se por estudos recentes que a ingestão moderada de álcool não se relaciona com o início precoce da menopausa, contudo esta associação foi melhor delimitada em bebedoras de vinho (Freeman et al., 2021). Visto que a parcela entrevistada de Porto Velho teve o vinho como o tipo menos ingerido, talvez estes indicadores não se adequem à realidade da cidade de forma efetiva.

Esta pesquisa alcançou o objetivo proposto, entretanto a insuficiência de bibliografias que aprofundam em critérios fisiológicos da saúde da mulher mediante consumo alcoólico limitou parte da fundamentação teórica. Todavia, os resultados evidenciados contribuem positivamente para aumentar as discussões sobre ingestão etílica feminina e tornar a problemática cada vez mais presente no meio científico.

4 CONCLUSÃO

Percebeu-se que a ingestão de bebidas alcoólicas é mais frequente entre mulheres adulto-jovens, solteiras ou viúvas, com renda maior ou igual a 3 salários-mínimos, com maior escolaridade, sendo a cerveja a principal escolha de bebida.

Tal prática, como elucidado, parece ter se tornado uma atividade regular para o público feminino, desta forma sendo importante que as mesmas tenham informações científicas subsidiadas para ajudá-las a decidir quando e como beber, e em que quantidade, com base nos riscos ou benefícios potenciais do consumo.

Diante de todo o exposto, é notória a necessidade de uma percepção enfática nas mulheres em idade fértil, seja pelos critérios fisiológicos ou pela crescente vulnerabilidade no meio social e profissional que as tornam suscetíveis ao uso, não apenas para controle epidemiológico, mas entendendo que este grupo populacional não pode mais ser negligenciado.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse

CC BY

USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIDAS E IA

Declaramos que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial no processo de elaboração deste manuscrito.

5 REFERÊNCIAS

BARROS, M. S. M. R.; COSTA, L. C. Alcohol consumption between students. *SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v. 15, n. 1, p. 4-13, 2019. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000353

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas e agravos não transmissíveis 2021-2030*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dc nt/09-plano-de-dant-2022_2030.pdf/view.

CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL. *Álcool e a saúde dos brasileiros: panorama 2019*. São Paulo: CISA, 2019. Disponível em: https://cisa.org.br/images/upload/Panorama_Alcool_Saude_CISA2019.pdf.

CHAIYASONG, S.; HUCKLE, T.; MACKINTOSH, A. M.; MEIER, P.; PARRY, C. D. H.; CALLINAN, S.; CUONG, P. V.; KAZANTSEVA, E.; GRAY-PHILLIP, G.; PARKER, K.; CASSWELL, S. Drinking patterns vary by gender, age and country-level income: cross-country analysis of the International Alcohol Control Study. *Drug and Alcohol Review*, v. 37, n. 2, p. 53-62, 2018. DOI: https://doi.org/10.1111/dar.12820

COBB, S.; ASSARI, S. Psychiatric disorders and alcohol consumption among low-income African Americans: gender differences. *Brain Sciences*, v. 9, n. 4, art. 86, 2019. DOI: https://doi.org/10.3390/brainsci9040086

COSTA, E. S.; CALHEIROS, P. R. V.; FARIAS, E. S. Alcoholism and factors associated with binge drinking among women in the municipality of Vilhena. *Saúde e Pesquisa*, v. 15, n. 2, e10219, 2022. DOI: https://doi.org/10.17765/2176-9206.2022v15n2.e10219

CRUZ-ZUÑIGA, N.; CASTILLO, M. M. A.; ARMENDÁRIZ-GARCÍA, N. A.; RODRÍGUEZ, J. S. L. Work climate, work stress and alcohol consumption in workers in the industry: a systematic review. *Revista Española de Salud Pública*, v. 95, p. 1-15, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351084892.

DENNY, C. H.; ACERO, C. S.; TERPLAN, M.; KIM, S. Y. Trends in alcohol use among pregnant women in the U.S. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 59, n. 2, p. 768-769, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.amepre.2020.05.017

DRAPER, C. E.; COOK, C. J.; REDINGER, S.; ROCHAT, T.; PRIORESCHI, A.; RAE, D. E.; WARE, L. J.; LYE, S. J.; NORRIS, S. A. Cross-sectional associations between mental health indicators and social vulnerability, with physical activity, sedentary behavior and sleep in urban African young women. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, v. 19, art. 82, 2022. DOI: https://doi.org/10.1186/s12966-022-01325-w.

CC BY

EBLING, S. B. D.; SILVA, M. R. S.; FARIAS, F. L. R.; SANTOS, A. M.; OLIVEIRA, A. M. N.; SCHEK, G. O consumo abusivo de álcool entre mulheres rurais e suas relações familiares. *Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, p. 120-131, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n2/v24n2a10.pdf

EGERVARI, G.; SICILIANO, C. A.; WHITELEY, E. L.; RON, D. Alcohol and the brain: from genes to circuits. *Trends in Neurosciences*, v. 44, n. 12, p. 1004-1015, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.tins.2021.09.006.

FAN, D.; LIU, L.; XIA, Q.; WANG, W.; WU, S.; TIAN, G.; LIU, Y.; NI, J.; WU, S.; GUO, X.; LIU, Z. Female alcohol consumption and fecundability: a systematic review and dose-response meta-analysis. *Scientific Reports*, v. 7, art. 13815, 2017. DOI: https://doi.org/10.1038/s41598-017-14261-8

FREEMAN, J. R.; WHITCOMB, B. W.; PURDUE-SMITHE, A. C.; MANSON, J. E.; LANGTON, C. R.; HANKINSON, S. E.; ROSNER, B. A.; BERTONE-JOHNSON, E. R. Is alcohol consumption associated with risk of early menopause? *American Journal of Epidemiology*, v. 190, n. 12, p. 2612-2617, 2021. DOI: https://doi.org/10.1093/aje/kwab182.

HERADSTVEIT, O.; SKOGEN, J. C.; BRUNBORG, G. S.; LØNNING, K. J.; SIVERTSEN, B. Alcohol-related problems among college and university students in Norway: extent of the problem. *Scandinavian Journal of Public Health*, v. 49, n. 4, p. 402-410, 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/1403494819863515

KENDLER, K. S.; LÖNN, S. L.; SALVATORE, J.; SUNDQUIST, J.; SUNDQUIST, K. Effects of marriage on risk for onset of alcohol use disorder: a longitudinal and co-relative analysis in a Swedish national sample. *The American Journal of Psychiatry*, v. 173, n. 9, p. 911-918, 2016. DOI: https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2016.15111373.

LEÃO, N. M. F.; BOSKA, G. A.; SILVA, J. C. M. C.; CLARO, H. G.; OLIVEIRA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. S. R. Perfil de mulheres acolhidas em leitos de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 1, p. 63-68, 2020. Disponível em: http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2528/705

MASSARO, L. T. S.; ABDAILA, R. R.; LARANJEIRA, R.; CAETANO, R.; PINSKY, I.; MADRUGA, C. S. Alcohol misuse among women in Brazil: recent trends and associations with unprotected sex, early pregnancy, and abortion. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 41, n. 2, p. 131-137, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-0024

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Regional status report on alcohol and health in the Americas 2020*. Washington, DC: Pan American Health Organization, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/52705

PONCE, T. D.; PICCIANO, A. P.; VARGAS, D. Women's alcohol consumption in a Primary Health Care service. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, e20200458, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0458

POPOVA, S.; DOZET, D.; SHIELD, K.; REHM, J.; BURD, L. Alcohol's impact on the fetus. *Nutrients*, v. 13, n. 10, art. 3452, 2021. DOI: https://doi.org/10.3390/nu13103452.

SCHAMP, J.; SIMONIS, S.; ROETS, G.; HAVERE, T. V.; GREMEAUX, L.; VANDERPLASSCHEN, W. Women's views on barriers and facilitators for seeking alcohol and drug treatment in Belgium. *Nordic Studies on Alcohol and Drugs*, v. 38, n. 2, p. 175-189, 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/1455072520964612

CC BY

SILVA, M. G.; LYRA, T. M.; DINIZ, G. T. O padrão de consumo de álcool entre usuárias das Unidades de Saúde da Família no município de Recife (PE). *Saúde em Debate*, v. 43, n. 122, p. 836-849, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-1104201912214.

SLADE, T.; CHAPMAN, C.; SWIFT, W.; KEYES, K.; TONKS, Z.; TEESSON, M. Birth cohort trends in the global epidemiology of alcohol use and alcohol-related harms in men and women: systematic review and meta-regression. *BMJ Open*, v. 6, n. 10, e011827, 2016. DOI: https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-011827.

THAPA, N.; ARYAL, K. K.; PURI, R.; SHRESTHA, S.; SHRESTHA, S.; THAPA, P.; MEHATA, S.; THAPA, P.; BANJARA, M. R.; PEDERSEN, B. S. Alcohol consumption practices among married women of reproductive age in Nepal: a population-based household survey. *PLoS One*, v. 11, n. 4, e0152535, 2016. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0152535.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global status report on alcohol and health 2018*. Geneva: World Health Organization, 2018. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241565639.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global strategy to reduce the harmful use of alcohol*. Geneva: World Health Organization, 2010. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241599931 ZOTESSO, M. C.; PAIVA, S. M. A.; MARQUES, L. O. Consumo, dependência e caracterização de usuários de álcool em um centro de atenção psicossocial de álcool e drogas. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, v. 7, n. 1, p. 430-439, 2018. DOI: https://doi.org/10.33362/ries.v7i1.1477.

CC BY